

Narrativa da experiência anteriormente descrita através de entrevista

Embora este acontecimento tenha surgido de uma forma esperada ou seja, planeada, ao entrar no hospital no dia da cirurgia, múltiplas perguntas e dúvidas me atormentaram o pensamento: “Como irá ser? O que irei sentir?”, etc.

Um dos procedimentos que eu sabia que teria de ser feito e que inicialmente não me causava qualquer preocupação, veio a tornar-se um pesadelo! Quem diria que seriam precisas 4 tentativas para me arranjam um acesso venoso permeável?! Este momento foi carregado de ansiedade e de dor, tendo-me levado a desacreditar na competência técnica da colega que insistia em voltar a tentar “mais e outra vez”.

Mantive-me consciente do início ao fim, e senti-me muito à vontade, sem receios. Penso que o que terá contribuído para essa forma de estar foi essencialmente a confiança que eu sentia pelas equipas (Médica e de Enfermagem), e o ambiente intra-operatório desconcertante, com muitas anedotas, histórias e um bom relacionamento entre todos os elementos, traduziram-se num sentimento de segurança.

A estadia no recobro e a 1ª hora na Enfermaria passaram-se sem problemas, tendo-me sentido bem, mas após essa hora tive uma hemorragia pela sutura operatória, tendo chamado os Enfermeiros de serviço que me mudaram o penso. Mas, passado pouco tempo encontrava-me cheio de sangue e comecei a entrar em pânico. Os colegas em conjunto comigo decidiram chamar o Médico, que demorou muito a chegar, mas quando chegou tentou controlar a hemorragia, sem me anestésiar. Os actos médicos efectuados foram rudes e provocaram-me muita dor, de seguida senti raiva que manifestei num discurso aberto com o médico que se justificou dos actos praticados.

Quando uma pessoa se encontra dependente e em sofrimento, está vulnerável e é neste estado que os profissionais da saúde devem interagir com todos os conhecimentos e técnicas com o objectivo de obviar os momentos de sofrimento.